

OLHAR FARMACÊUTICO SOBRE A PRÁTICA DE POLIFARMÁCIA POR IDOSOS

Aurelice Silva Alves ¹
Elisene dos Santos Silva ²
Janes de Oliveira Silva ³
Givanildo Barbosa Silva ⁴
Davidson Marrony dos Santos Wanderley ⁵

RESUMO

A prática da polifarmácia é um dos gêneros mais comuns de uso irracional de medicamentos e está relacionada a elevação do risco e da gravidade das adversas reações a medicamentos, como adiantar e facilitar as interações medicamentosas, provocar toxicidade cumulativa, ocasionar erros de medicação, diminuir a adesão ao tratamento e aumentar a morbimortalidade. O estudo objetivou analisar condições advindas do uso da polifarmácia em pessoas da terceira idade e mostrar a importância do farmacêutico a fim de diminuir essa prática de consumo. As pesquisas das fontes bibliográficas foram realizadas em três bases de dados: Scientific Eletronic Library Online (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico. Adotou-se como critério de inclusão, os trabalhos considerados de livre acesso nas bases de dados citadas anteriormente e aos estudos envolvendo a utilização de polifarmácia em grupos de pessoas da terceira idade. A exclusão se deu para as pesquisas publicadas antes de 2014 e de temas repetidos. Nesse contexto, o contato direto do farmacêutico com o usuário idoso que faz uso de polifarmácia, pode gerar o uso de uma farmacoterapia racional, promovendo assim o ganho de resultados mensuráveis e definidos, voltados para o aperfeiçoamento da qualidade de vida com a comunicação biopsicossociais, sob a ótica da integralidade das ações de saúde.

Palavras-chave: Terceira Idade, Uso Irracional de Medicamentos, Cuidados Farmacêuticos.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas a população de pessoas da terceira idade, a nível mundial, cresceu exponencialmente em comparação a outros períodos de tempo. A título de exemplo, no ano de 1960, o índice de envelhecimento da população mundial era de apenas 6,4% quando comparada com a década de 2000, a qual este índice passou a ser de 14,3% da população geral. No Brasil, resultados preliminares do Censo Demográfico do ano de 2017 concluiu que a população de idosos passou de uma marca de 25,4 milhões do ano de 2012 para 30,2 milhões de pessoas neste grupo do ano de 2017 (OLIVEIRA; CORRADI., 2018).

¹ Graduando do Curso de Farmácia da Universidade UNINASSAU - PB, aurelicesalves@yahoo.com.br;

² Graduando do Curso de Farmácia da Universidade UNINASSAU - PB, elisene241@hotmail.com;

³ Graduando do Curso de Farmácia da Universidade UNINASSAU - PB, josepicui99@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Farmácia da Universidade UNINASSAU - PB, nildo.farmacutico@gmail.com;

⁵ Professor orientador: Mestre, Faculdade UNINASSAU - PB, davidsonwanderley@gmail.com.

O aumento dessa idade cronológica faz com que os idosos consumam um maior número de medicamentos, se caracterizando como polifarmácia, devido à incidência de múltiplas doenças que podem acometer esse grupo de terceira idade (NASCIMENTO et al.,2017).

A prática da polifarmácia é um dos gêneros mais comuns de uso irracional de medicamentos a qual está relacionada à elevação e o risco de reações adversas causadas por esse consumo inadequado. Esse processo se relaciona diretamente aos custos assistenciais, que abrangem medicamentos, e as repercussões advindas desse ato, a exemplo da morbimortalidade dos idosos (ALVES; CEBALLOS, 2018).

De acordo com Almeida et al. (2017) algumas condições tem sido relacionados à polifarmácia entre pessoas idosas a exemplo ao sexo feminino, ter auto percepção de saúde ruim, pertencer a uma faixa etária mais avançada, ter baixa escolaridade e referência à presença de doenças crônicas. Adiciona-se a facilidade a aquisição de medicamentos sem receita nas farmácias, o que eleva a exposição dos idosos ao uso excessivo de medicamentos e gastos financeiros sem necessidade.

O objetivo da Assistência farmacêutica não é interceder na prescrição de medicamentos, atribuições do médico, mas garantir uma farmacoterapia segura, racional e custo- efetiva envolvendo macro componentes como a educação e promoção em saúde, orientação farmacêutica, dispensa, atendimento farmacêutico e seguimento farmacoterapêutico, além do registro sistemático, mensuração e avaliação dos resultados, incluindo todos os problemas associados aos medicamentos (PRMs), conciliação de medicamentos e erros de medicação em idosos (CARDOSO; PILOTO, 2015).

Desse modo, o estudo objetivou fazer uma revisão de literatura acerca da polimedicação com relação ao uso apropriado e inapropriado dos medicamentos, relatando as principais práticas e efeitos negativos da polifarmácia. Portanto o estudo pode proporcionar informações atuais e relevantes sobre o tema para a equipe de saúde e demonstrar a importância da profissão farmacêutica a fim de controlar e diminuir a prática do uso irracional de medicamento por esse grupo da terceira idade.

METODOLOGIA

A revisão literária do tipo sistemática, foi realizada através das seguintes bases de dados: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e Google Acadêmico. As palavras-chave utilizadas foram: “Atenção Farmacêutica”, “Idosos”, “Polifarmácia” e “Uso inapropriado de medicamentos”, no período de março a maio de 2019, seguindo as normas do PRISMA.

Adotou-se como critério de inclusão, os trabalhos considerados de livre acesso nas bases de dados citadas anteriormente e aos estudos envolvendo a utilização de polifarmácia em grupos de pessoas da terceira idade. A exclusão se deu para as pesquisas publicadas antes de 2014 e de temas repetidos.

DESENVOLVIMENTO

Terceira idade

Estimativas sugerem que o país se tornará o sexto no mundo em registro de idosos no ano de 2020, com um conjunto superior a 30 milhões de pessoas. Esse envelhecimento tem como implicações a elevação da prevalência de doenças crônicas não transmissíveis (DCNT), como também na elevação da demanda por serviços de saúde. O aumento dessas DCNT’S se dá pelas modificações fisiológicas associadas ao envelhecimento, o que vem do aumento da exposição da população dessa faixa etária ao consumo de vários medicamentos de forma irracional e conseqüentemente ao aparecimento de problemas associados a esse consumo incorreto dos princípios ativos (MARTINS et al., 2015).

Polifarmácia

Através da revisão literária, entende-se que a polifarmácia pode elevar a gravidade e a frequência das reações adversas e interações medicamentosas, devido ao uso irracional desses princípios ativos, podendo gerar respostas negativas a segurança do idoso, a exemplo do aumento da morbimortalidade. Medicamentos potencialmente inadequados são aqueles que devem ser abdicados em pessoas da terceira idade, visto que a ameaça desses eventos adversos pode exceder o benefício da atividade terapêutica (MARTINS et al., 2015).

Os elevados números de prescrições medicamentosas geram um aumento da probabilidade de consumo desnecessário dos compostos ativos, cujas relações farmacológicas podem representar diferentes reações adversas, a exemplo das variações fisiológicas relativas ao envelhecimento e alteração na farmacodinâmica e farmacocinética dos medicamentos. Além disso, os indivíduos idosos apresentam uma maior sensibilidade aos efeitos terapêuticos e indesejáveis dos fármacos em geral, o que em diversos casos pode trazer reações negativas pelo uso de polifarmácia. (PEREIRA et al., 2017).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra selecionada para o desenvolvimento dessa revisão, atenderam a todos os critérios de inclusão e exclusão citados na metodologia. Foram selecionados 11 estudos, conforme apresentada na Tabela 1.

Tabela 1. Tipos de publicação dos trabalhos selecionados.

Tipo de Publicação	Números de trabalhos	Porcentagem (%)
Artigos originais	4	36%
Anais	1	9%
Artigos de revisão	1	9%
Outros	5	46%
Total	11	100%

Fonte: dados da pesquisa.

De acordo com Silva et al. (2017), a polifarmácia é definida como o consumo simultâneo terapêutico de vários fármacos. O excesso de suas substâncias geralmente aumenta os riscos de reações adversas e interações medicamentosas, podendo causar diferentes efeitos colaterais, como dores abdominais, náuseas, distúrbios gastrintestinais, tonturas, cefaleia, tosse, alergias, sudorese, hipertensão ou hipotensão, modificações nos ritmos respiratórios e cardíacos. Além disso, os autores citaram que o uso dessa prática, pode provocar a desistência do indivíduo ao tratamento, além de aumentar os custos com a manutenção da saúde e elevar os riscos de internações.

Conforme Marques et al. (2017), a profissão farmacêutica tem passado por modificações em seu perfil. Nesse contexto, o tratamento das diferentes patologias era feito

por boticários, rezadeiras e a pessoa que trabalhava na farmácia era responsável por realizar o diagnóstico, produzir e vender o medicamento. O Sistema Único de Saúde (SUS), tem buscado mudar essa realidade, desde a criação do programa Nacional de Medicamentos até a criação da lei de número 13021/2014 que fala que a farmácia é uma instituição de saúde e que o farmacêutico é o profissional encarregado não apenas pela dispensação dos medicamentos, mas também pela Assistência Farmacêutica de modo integral.

A parte da população com mais susceptibilidade ao uso da polifarmácia são os idosos, por geralmente terem diversas doenças ligadas ao seu corpo, em especial o de caráter crônico, a qual se faz consumo de diversos fármacos em associação. O uso desses compostos ativos pode proporcionar ao idoso, confusão e dúvidas no momento do consumo dos medicamentos, a exemplos da quantidade exata a ser ingerida e a hora de sua administração. Dessa forma, se faz necessário adotar métodos concisos para que situações como essa, não venha a acontecer. Diante dessa abordagem, os autores citaram que o uso de um receituário nítido, com prescrições balanceadas, visando a minimização das reações do uso desses medicamentos e a melhora no quadro de saúde do idoso é uma das principais propostas a ser utilizada, a fim de evitar o uso da polifarmácia e conseqüentemente reduzir os efeitos negativos dessa prática (SILVA et al., 2017).

De acordo com Corralo et al. (2018), as interações medicamentosas ocorrem com uma média de porcentagem de 13% para os idosos que usam dois medicamentos, 58% para aqueles que recebem cinco medicamentos, podendo chegar a 82% quando o consumo por esse grupo de idade excede a sete medicamentos. O Sistema Nacional de Informações Tóxicos - Farmacológicas (SINITOX) registrou, em 2015 um número de 2.070 (8,42%) casos de intoxicação por medicamentos entre idosos de todos os Estados do Brasil, e essas intoxicações são derivados de vários fatores, a exemplo do fácil acesso aos medicamentos e aos atributos de médicos e pacientes bem como a percepção destes sobre o conceito de saúde (ALVES; CEBALLOS, 2018).

Há muitos países com critérios avaliativos próprios para orientar os prescritos sobre os fatores de riscos de muitos medicamentos para a população idosa, como o Consenso Francês, STOPP/ STAR Screening na Irlanda, Critério de Beers nos Estados Unidos da América (EUA), entre outros protocolos vigentes no mundo. No Brasil, não existe ainda um consenso próprio, sendo o Critério Beers americano o mais usado como referência no país. Frente às diferentes formas que englobam o uso de medicamentos entre os idosos, considera-se como relevante o reconhecimento do perfil de utilização de medicamentos por essa

população em distintos contextos de vida e de saúde, para que seja possível o delineamento de estratégia racional de prescrição de fármacos para esse segmento etário (MUNIZ et al., 2017).

Segundo Nascimento et al. (2017), os medicamentos mais usados pelo grupo de polifarmácia, destacam-se cinco itens (clonazepam, amitriptilina, diazepam, fluoxetina e ibuprofeno) referentes à relação de medicamentos potencialmente inapropriados para uso em idosos. A polifarmácia nem sempre é uma ocasião evitável, devido ao aumento progressivo de doenças crônicas de alto predomínio, como hipertensão arterial e o diabetes mellitus que são normalmente tratados através da associação de fármacos.

De acordo com Silva et al. (2018) a prevalência de polifarmácia em indivíduos idosos nos Estados Unidos elevou significativamente de 30,6% para 35,8% e o risco de interação medicamentosa cresceu de 8,4% para 15,1% em um período de cinco anos. Aspecto interligado a elevação da polifarmácia é derivado do fato de que os pacientes com diabetes *mellitus* são mais propensos a estarem em situação de polifarmácia. Dessa forma, os grupos de medicamentos usados no método de polifarmácia refletem a alta prevalência de doenças cardiovasculares e diabetes *mellitus* entre a população idosa, assim como quadros de insônia, estados confusões mentais e ansiedade (PEREIRA et al., 2017).

Vale ressaltar que “problema relacionado à farmacoterapia” é uma definição englobante, que pode estar associada à necessidade de fármacos, à aceitação ao tratamento, à eficácia ou à segurança da farmacoterapia, e que a avaliação desses problemas é detalhada e complexa, pois sua origem pode estar em uma falha em identificar seu risco no organismo humano, no seu comportamento frente a sua farmacoterapia, na condição social do indivíduo, na sua composição genética, entre outras. É fundamental que o farmacêutico clínico tenha a percepção de que o seu exercício favorece a chance de que ele se torne agente de promoção e prevenção em saúde (BRASIL, 2015).

Uma definição mais atualizada e ampla da Assistência Farmacêutica é o que trata de um grupamento de ações direcionadas à proteção, promoção e recuperação da saúde, tanto individual como de modo coletivo, tendo o fármaco como insumo essencial e visando o acesso e ao seu consumo de forma racional. Esse conjunto engloba a pesquisa, andamento e a produção de medicamentos e insumos, bem como a sua escolha, programação, distribuição, dispensação, segurança da qualidade dos serviços e produtos, avaliação e acompanhamento de sua utilização, no ponto de vista da obtenção de resultados concretos e da melhoria do bem-estar da população, em especial ao do grupo da terceira idade (MARQUES, 2017).

Estudos têm apontado que a intervenção farmacêutica através de orientações acerca do regime terapêutico e de ações educativas traz benefícios à saúde do paciente e ao processo de promoção de saúde. Essa orientação pode ser estimada ao indivíduo idoso, ao seu familiar, acompanhante e, ainda ao médico prescritor e demais profissionais de saúde diretamente envolvidos na assistência à saúde. O contato direto do farmacêutico com o usuário gera uma farmacoterapia racional, promovendo assim o ganho de resultados mensuráveis e definidos, voltados para o aperfeiçoamento da qualidade de vida com a comunicação biopsicossociais, sob a ótica da integralidade das ações de saúde (CARDOSO; PILOTO, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A população idosa apresenta grande registro do consumo de medicamentos, devido a elevação da perspectiva de vida. Dessa forma, através da revisão foi possível observar os diversos motivos de vulnerabilidade do grupo de pessoas da terceira idade quando expostos ao uso de polifarmácia e seus diversos efeitos negativos. O estudo destaca a importância do farmacêutico em parceria com outros profissionais da saúde, visando melhores resultados clínicos, através do monitoramento das prescrições médicas e orientação da farmacoterapia proposta, gerando assim, mais qualidade de vida e bem-estar do paciente idoso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, N. A.; REINERS, A. A. O.; AZEVEDO, R. C. S.; SILVA, A. M. C.; CARDOSO, J. D. C.; SOUZA, L. C. Prevalência e fatores associados à polifarmácia entre os idosos residentes na comunidade. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 1, p. 138-148, 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232017000100138&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 13 maio 2019.

ALVES, N. M. C.; CEBALLOS, A. G. C. Polifarmácia em idosos do programa universidade aberta à terceira idade. **J. Health. BiolSci.** 2018. v. 6, n. 4, p. 412-418. Recife. Ago 2018. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/1910>. Acesso em: 13 maio 2019.

Brasil. Cuidado farmacêutico na atenção básica/Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. **Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos.** – 1. ed. rev. – Brasília: Ministério da Saúde, 2015. Disponível em: http://bvsmis.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cuidado_farmacutico_atencao_basica_saude_2_1_ed.pdf. Acesso em: 26 maio. 2019.

CARDOSO, D. M.; PILOTO, J. A. R. Atenção farmacêutica ao idoso: uma revisão. **Brazi. J. Surg. Clin. Res.** v. 9, n. 1, p. 60-66. Fev. 2015. Disponível em: https://www.mastereditora.com.br/periodico/20141130_215818.pdf. Acesso em: 26 maio 2019.

CORALLO, V. S.; BINOTTO, V. M.; BOHNEN, L. C.; SANTOS, G. A. G.; DE-SÁ, C. A. Fatores associados em idosos diabéticos. **Rev. Salud Pública.** n. 20, v. 3, p. 366-372. Jun. 2018. Disponível em: https://www.scielo.org/article/ssm/content/raw/?resource_ssm_path=/media/assets/rsap/v20n3/0124-0064-rsap-20-03-366.pdf. Acesso em: 18 maio. 2019.

MARQUES, A. E. F.; RUFINO, M. D. M.; SILVA, P. L. C.; GOMES, F. M. N.; ROLIM, N. R. F. Assistência farmacêutica: uma reflexão sobre o papel do farmacêutico na saúde do paciente idoso no Brasil. **Temas em Saúde.** v. 17, n. 3, p. 129 a 146. João Pessoa, 2017. Disponível em: <http://temasensaude.com/wp-content/uploads/2017/10/17309.pdf>. Acesso em: 26 maio. 2019.

MUNIZ, E. C. S.; GOULART, F. C.; LAZARINI, C. A.; MARIN, M. J. S. Análise do uso de medicamentos por idosos usuários de plano de saúde suplementar. **Rev. bras. geriatr. gerontol.**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 374-386, Maio 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1809-98232017000300374&script=sci_arttext&tlng=pt. Acesso em: 19 maio. 2019.

NASCIMENTO, R. C. R. M.; ÁLVARES, J.; JUNIOR, A. A. G.; GOMES, I. C.; SILVEIRA, M. R.; COSTA, E. A.; LEITE, S. N.; COSTA, K. S.; SOEIRO, O. M.; GUIBU, I. A.; KARNIKOWSKI, M. G. O.; ACURCIO, F. A. Polifarmácia: uma realidade na atenção primária do Sistema Único de Saúde. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 51, supl. 2, 19s, 2017. Disponível: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0034-89102017000300315&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 18 maio. 2019.

PEREIRA, K. G.; PERES, M. A.; IOP, D.; BOING, A. C.; BOING, A. F.; AZIZ, M., D'ORSI, E. Polifarmácia em idosos: um estudo de base populacional. **Rev. Bras. Epidemiol.**, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 335-344, June 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-790X2017000200335. Acesso em: 13 maio 2019.

RAMOS, L. R.; TAVARES, N. U. L.; BERTOLDI, A. D.; FARIAS, M. R.; OLIVEIRA, M. A.; LUIZA, V. L.; PIZZOL, T. S. D.; ARRAIS, P. S. D.; MENGUE, S. S. Polifarmácia e polimorbidade em idosos no Brasil: um desafio em saúde pública. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 50, supl. 2, 9s, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102016000300308&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 17 maio. 2019.

SILVA, P. L. N.; XAVIER, A. G.; SOUZA, D. A.; VAZ, M. D. T. Atenção farmacêutica e os potenciais riscos da polifarmácia em idosos usuários de uma farmácia-escola de Minas Gerais: aspectos socioeconômicos, clínico e terapêutico. **Revist de saúde. Ciênc Biol.** v. 5, n. 3. 2017. Disponível em: <https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/1187>. Acesso em: 19 maio. 2019.

SILVA, M. R. R.; DINIZ, L. M.; SANTOS, J. B. R.; REIS, E. A.; MATA, A. R.; ARAÚJO, V. E.; ÁLVARES, J.; ACURCIO, F. A. Uso de medicamentos e fatores associados à polifarmácia em indivíduos com diabetes mellitus em Minas Gerais, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 23, n. 8, p. 2565-2574, ago. 2018. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232018000802565&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 18 maio. 2019.

TAVARES, H. S. T.; SANTOS, S. L. D. DOS.; SALDANHA, G. B.; PRADO, R. M. S. Atuação do farmacêutico clínico no cuidado do idoso na polimedicação. **Mostras Científicas da Farmácia/ Anais da Mostra Científica da Farmácia.**, v.2, n.1, Jun. 2015. Disponível em: <http://201.20.115.105/home/handle/123456789/914>. Acesso em 26 maio. 2019.

TORRES, T. L.; CAMARGO, B. V.; BOULSFIELD, A. B.; SILVA, A. O. Representações sociais e crenças normativas sobre envelhecimento. **Ciênc. Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 12, p. 3621-3630, Dez. 2015. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-81232015001203621&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 13 maio. 2019.